



A BATALHA

A PENA DE MORTE EM PORTUGAL

A polícia matou ontem de madrugada mais um preso — Domingos Pereira! E' a repetição da farça sangrenta de que foi vítima, há dias, outro preso — Diamantino da Anunciação! Pergunta-se: porque o mataram, ontem de madrugada, acobertados pelas trevas? E a polícia responde pelas informações que fornece aos jornais: «Porque pretendia fugir!»

Povo, Domingos Pereira estava quase cego. Seria preciso disparar a matar para fazer a captura dum homem que mal via o caminho que trilhava? Cabe na cabeça de alguém a torpe mentira dessa "fuga" que não passa dum pretexto para encobrir um assassinato?

Diamantino da Anunciação também "queria fugir" e mataram-no com um tiro no peito — como se as balas assassinas que se disparassem sobre um preso desarmado, que foge, pudessem atingi-lo no peito!

O governo calou-se, não apurou responsabilidades sobre o primeiro caso tão estranho e suspeito. O governo, sancionando o assassinato do primeiro preso, armou o braço dos que mataram ontem o segundo.

Institui-se o assassinato sancionado, acobertado pelo governo que não age e pelo parlamento que não pede responsabilidades severas ao poder executivo que tais barbaridades permite.

Ressuscitou a pena de morte em Portugal!

Onde estão os homens liberais que protestaram contra a «leva da morte»? Onde está a imprensa que verberou os assassinatos do 19 de Outubro? Onde está o pudor, a dignidade das "élites", dos homens públicos que, perante esta bárbara regressão, não protestam, não desafrontam a dignidade colectiva agravada por esses actos de banditismo?

O operariado deve reagir; a própria polícia, onde haverá decerto gente de coração, deve reagir contra os indivíduos que atraem o odioso e a repugnância sobre uma corporação inteira; toda a gente de bem, todos os que não querem ver implantados neste país, como lei, hábitos que envergonhariam qualquer tribo selvagem, devem reagir, reagir energeticamente contra o crime!

Um odioso decreto

Aproveitando as autorizações que pelo parlamento, antes do adiamento, lhe foram concedidas, o governo publicou um decreto estabelecendo que certos crimes poderiam ser julgados fora das comarcas onde houvessem sido praticados.

E' à sombra desse decreto que se tem feito as deportações, que representam já um castigo mesmo antes do julgamento.

Contra esse decreto vimos protestando há muito tempo. Agora que o parlamento funciona outra vez, esperamos ver se os parlamentares tomarão contas ao governo do uso que ele fez das suas autorizações.

Pois o odioso decreto a que nos referimos é pior do que toda a legislação sclerada do tempo da monarquia, incluindo a célebre lei de 13 de fevereiro, contra a qual tanto se indignavam os republicanos.

E' dos mais elementares preceitos da legislação penal que os supostos autores de crimes sejam julgados no local onde esses crimes se produziram. Em países dum rigor legalista, como por exemplo a China, vai-se aí ao exagero de julgar o crime na própria rua, largo ou descampado onde o crime haja sido praticado, para assim se fazer uma ideia clara de todos os incidentes para cuja compreensão seja preciso conhecer bem os dados topográficos e, ainda, para que a reparação do crime, pela condenação, dentro da concepção autoritária, tenha um maior efeito moral.

Domingos Pereira estava completamente cego de um dos olhos e do outro via muito pouco. Tanto assim que, quando entrou no preso no Limoense, vítima dum cabal da Moagem que o odiava devido ao esforço que dedicava ao Sindicato dos Manipuladores de Pão, todos os dias ia acompanhado dum agente, fazer o seu curativo ao hospital, nunca lhe passando pela cabeça fugir porquanto a sua falta de vista era a sua cadeia mais segura.

Pois bem, é este homem quase cego, desprovido de agilidade, pois era até um pouco trópico no andar, que a polícia acusa de tentar fugir na deserta rua da Alegria, a uma da madrugada!

Vivemos num país de parvos ou de crianças fáceis de enganar com mentiras tão reais?

E porque razão, pretendendo a polícia conduzi-lo do governo civil para a esquadra de Santa Marta, em vez de o levar pelo caminho naturalmente indicado por mais fácil e normal, embora mais concorrido, o meteu pela rua do Mundo, São Pedro de Alcântara, desolada e só rua de São Sebastião das Taipas, e érra sua da Alegria onde o assassinaram? Porque motivo escolheram esses locais sem testemunhas? Talvez para provarem melhor a sua inocência e convençer-nos mais facilmente do intuito do Domingos Pereira querer fugir... sem poder correr nem ver o caminho!

Depois para diminuir a importância ao caso chamaram-lhe bombista e «legionario», disseram que ele tinha vindo do Brasil expulso na companhia de Rodolfo Marques da Costa, quando este ainda não estava em Portugal há um ano e ele já residia em Lisboa há longos anos. Tudo para que o leitor prevenido não atribuisse à vida desse homem a importância e o respeito que merece a vida de toda a gente.

Admitindo que esse operário era o pior dos bandidos, em que lei, em que diploma oficial, em que critério civilizado, em que ideia de sã justiça se baseava a polícia para, antecipando-se ao voto dos tribunais, às leis, aos poderes constitutivos, o condenciar à morte, executando de seguida a sentença por suas próprias mãos?

Estes dois assassinos, de que foram vítimas Diamantino da Anunciação e Domingos Pereira, representam o crime mais re-

Contra a pena de morte!

Há dias que a polícia matou a tiro um preso, Diamantino da Anunciação, a pretexto de que pretendia fugir. E como a polícia inventou aquela desculpa que só pode ser admitível para pessoas de boa vontade, tudo ficou abafado. O que a polícia diz é uma escritura.

Ninguém se mexeu, o ministro do Interior continuou a almoçar tranquilamente, satisfeito com a sua consciência. E este silêncio cumplice encorajou a polícia — ou melhor, parte da polícia, porque a grande maioria é alheia a estas manobras e reprova pelas pessimas consequências que trazem — repetir a façanha sangrenta na pessoa de outro preso — Domingos Pereira.

Quando o conduziam ontem de madrugada para a esquadra de Santa Marta assassinaram-no, no silêncio e no abandono, aquela hora, da rua da Alegria. Os jornais que publicam como suas as notícias tendenciosas que o governo civil lhes fornece, tomando assim a responsabilidade do que a polícia inventa, informaram que Domingos Pereira pretendia fugir; «desatando a correr em grande velocidade» motivo por que dispararam sobre ele as pistolas, matando-o.

O morto não pode falar — porque se o pudesse fazer... matavam-no outra vez para ele calar a perigosa verdade que brotaria dos seus lábios. Embora o milagre da ressurreição não seja possível, as pessoas medianamente inteligentes dispensam-no para formar o seu juízo bem claro, bem intuitivo ácereo do crime praticado ontem de madrugada.

Domingos Pereira estava completamente cego de um dos olhos e do outro via muito pouco. Tanto assim que, quando entrou no preso no Limoense, vítima dum cabal da Moagem que o odiava devido ao esforço que dedicava ao Sindicato dos Manipuladores de Pão, todos os dias ia acompanhado dum agente, fazer o seu curativo ao hospital, nunca lhe passando pela cabeça fugir porquanto a sua falta de vista era a sua cadeia mais segura.

Pois bem, é este homem quase cego, desprovido de agilidade, pois era até um pouco trópico no andar, que a polícia acusa de tentar fugir na deserta rua da Alegria, a uma da madrugada!

Vivemos num país de parvos ou de crianças fáceis de enganar com mentiras tão reais?

E porque razão, pretendendo a polícia conduzi-lo do governo civil para a esquadra de Santa Marta, em vez de o levar pelo caminho naturalmente indicado por mais fácil e normal, embora mais concorrido, o meteu pela rua do Mundo, São Pedro de Alcântara, desolada e só rua de São Sebastião das Taipas, e érra sua da Alegria onde o assassinaram? Porque motivo escolheram esses locais sem testemunhas? Talvez para provarem melhor a sua inocência e convençer-nos mais facilmente do intuito do Domingos Pereira querer fugir... sem poder correr nem ver o caminho!

Depois para diminuir a importância ao caso chamaram-lhe bombista e «legionario», disseram que ele tinha vindo do Brasil expulso na companhia de Rodolfo Marques da Costa, quando este ainda não estava em Portugal há um ano e ele já residia em Lisboa há longos anos. Tudo para que o leitor prevenido não atribuisse à vida desse homem a importância e o respeito que merece a vida de toda a gente.

Admitindo que esse operário era o pior dos bandidos, em que lei, em que diploma oficial, em que critério civilizado, em que ideia de sã justiça se baseava a polícia para, antecipando-se ao voto dos tribunais, às leis, aos poderes constitutivos, o condenciar à morte, executando de seguida a sentença por suas próprias mãos?

Estes dois assassinos, de que foram vítimas Diamantino da Anunciação e Domingos Pereira, representam o crime mais re-

A miséria democrática

Houve no congresso democrático um desejo veemente, por parte dos seus elementos conservadores, reacionários reformados, de marcar uma atitude de franca hostilidade a todo o espírito progressivo, a tudo o que modernamente mesmo em países monárquicos como a Inglaterra, já triunfou, nomeadamente um propósito de hostilizar as classes operárias. Nenhuma das suas aspirações, nem mesmo aquelas que cabem dentro da doutrina democrática, e que em muitos países já possuem expressão jurídica, lá foram discutidas ou sequer receberam um voto ou um discurso de plenário.

E' preciso que se compreenda a natureza

do nosso protesto: se, em vez dum operário, a vítima fosse um monárquico que tivesse caído nas garras dessa gente sclerada de que o governo se serve para defender a ordem — a nossa indignação seria a mesma!

Protestamos contra o princípio, que o governo estabeleceu com o seu silêncio, da polícia poder assassinar impunemente qualquer preso, quer seja operário, quer seja patrão, monárquico ou socialista, republicano ou integralista! E' contra esse princípio bárbaro que nós protestamos.

E connosco protestam neste momento todas as consciências rectas, todas as pessoas de alma bem formada, todos os que respeitam a Justiça e a vida humana!

Protestamos! Protestamos, não apenas em nome dos princípios que professamos, mas em nome da mais elemental civilização que ainda dão à este país um leve aspecto europeu!

Manipuladores de Pão

A comissão administrativa da Associação dos Manipuladores de Pão, reunida ontem extraordinariamente para apreciar o bárbaro assassinato de Domingos Pereira, torna

o protesto de Setúbal continuamente lutando contra a iniquidade governamental

Setúbal, que a tradição revolucionária durante alguns anos crismou de Barcelona portuguesa, há três dias que está em pé de guerra contra a tirania do governo Vitorino Guimaraes. Há três dias que as classes operárias da cidade do Sado num belo gesto que muito as nobilita afirmam com um movimento geral a sua repulsa contra uma iniquidade que nem o parlamento soube reparar, nem o Congresso Democrático se quer apreciou por ser obra dum governo partidário.

E' esse movimento grandioso que desde segunda feira crepita em Setúbal valia a preocupação das supremacistas entidades, se estas tivessem o pudor necessário para não negarem um princípio que é a razão básica da sua existência.

Mas as deportações não mereceram a

atenção devidas, porque são ninharias em

relação aos interesses pessoais que não podem preterir-se em benefício de princípios.

Estes vivem apenas na teoria que os alimenta num jôgo valverdiano, mas não podem ser transportados à prática porque a República deixaria de ser a lauta

e pomposa que é a sua existência.

Mas as deportações não mereceram a

atenção devidas, porque são ninharias em

relação aos interesses pessoais que não podem preterir-se em benefício de princípios.

Estes vivem apenas na teoria que os alimenta num jôgo valverdiano, mas não podem ser transportados à prática porque a República deixaria de ser a lauta

e pomposa que é a sua existência.

Embora haja a noção desta dura realidade

ainda se perdem energias em holocausto a

uma ideia tão "mirifica" que para si se estende

com a designação pomposa de Democracia que sociologicamente é uma perfeita

oportunidade de barrete irônico.

O operariado de Setúbal não se prostera

perante o elixir salvador. Rompeu fôlego

e, com a impetuosidade que as circunstâncias exigiam, sem outra preocupação que

não fosse defender um direito que a sua razão de ser impõe. Mas como a casimiro

persiste, não só mantendo as deportações

como ainda conservando nos lúgubres calabouços do Sindicato Civil o operário João Maria Major, director da Voz Sindicato, o movimento grevista segue imperturbavelmente com a energia do primeiro dia.

Anteontem, à noite, as autoridades tiveram a plena certeza de que a greve era um acontecimento que não desmente as tradições da Barcelona portuguesa.

A sala da Associação dos Marítimos — a maior que há em Setúbal — foi insuficiente

para comportar a numerosa multidão que

veio à comissão que veio a Lisboa

tratar da libertação de Major. Foi uma reunião colossal. A sala das sessões, bem

como os corredores contíguos, estavam apinhados de grevistas. Receou-se um desastre, tal a multidão que se aglomerou ali.

Depois da comunicação respectiva, aquela mole colossal resolveu manter a greve.

E, ontem, às primeiras horas da manhã, o

movimento tinha-se generalizado às respetivas classes, que, por razões especiais,

como dissemos, não puderam corresponder

ao princípio dia.

Em consequência da greve e do caráter

que assumiu o movimento industrial de Setúbal pode considerar-se paralisado. Nem

transportes, nem imprensa — O Setubalense

— nem pão, porque os manipuladores ade-

riram ao movimento. O sossego é absoluto,

o que prova as intenções dos grevistas.

Não obstante Setúbal está cheia de tro-

pas, como se estivesse na iminência de gra-

ves acontecimentos.

Como está estacionário o movimento, a

U. S. O. local resolviu enviar a Lisboa uma

nova comissão que chegaria hoje a Lisboa a

fim de entrevistar o presidente do minis-

terio.

A' noite, voltarão a reunir os grevistas

no vasto salão do Sindicato dos Marítimos

para o imediato regresso à metrópole dos deportados.

De Silves

O operariado de Silves, reunido em ses-

CARTA DO PORTO

Enquanto uns brincam...

Que o povo, rindo e folgando,
se não esqueça da odiosa tiranía
do atual governo e da
verdade dos do "ócio-úcio"

Falta-nos a coragem para dedicarmos
uma palavra ao tratamento de assuntos sérios.

Quando um povo, completamente indiferente ao que se passa, perfeitamente insensível ao perigo que nos denunciam as tirânicas tiranias governamentais, se lança nos rodopiantos das romarias ruidosas — é porque perdeu todo o interesse nos factos decorrentes, é porque tanto se lhe dá que "isto" corra para o mar, como para a terra.

Parce atue que, perdendo a última esperança, deliberou aproveitar as últimas folhas que se antecedem à sua definitiva queda económica e social — à sua morte individual e colectiva, decretada para breve pelas extorsões capitalistas e autoritárias...

A romaria do senhor de Matosinhos meteu povolêu em barda. A do senhor da Pedra não desmereceu, em concorrência e "luzimento" popular, da sua rival de há 9 dias. Domingo e segunda-feira, foi um regabofe impressionante, pelas ruas da cidade e da vizinhança de Gaia.

Quem, na verdade, viu, com nós, as ininterruptas carreiras de automóveis, camionetes, camions, carros, carroças e comboios abarrotados de carga humana, quem presenciou a ponte D. Luís I gemer, a ruina a que está sujeita o pés de tóta a sorte de locomção, e ao péso do povo que a enchia literalmente, numa romaria de algumas horas; quem olhou para essa infinidade de grupos cantarolando, saltando, zurdindo bombos e fandores, tocando numa variedade de instrumentos de corda e empunhando os seus faneis e os seus pipos ou cabacas a tiracolo; quem ainda, ao lado das "senhoras" escandalizando em decotes "rubros", enxergou as moças e velhas operárias de saias subidas até quase acima dos joelhos e ensacadas por faixas vermelhas — quem viu tudo isso numa orgia fantástica, certamente não poderia dizer que existe uma questão social, uma questão económica; que existem farrapos, miséria, fome, fala de trabalho, salários irrisórios, lágrimas, desespero...

Nós, em face de tanto júbilo tão publicamente manifestado, chegámos até à crença de que o sr. Vitorino Guimaraes tinha corrido, de que os deportados tinham chegado a Lisboa, de que os presos tinham sido postos em liberdade, de que o Capitalismo e o Estado haviam sido abolidos, proclamando o povo trabalhador a sua libertação integral e apossando-se das fentes de riqueza, de produção e do consumo. E que, uma vez assegurada a sua definitiva vitória, estivesse a consagraria as conquistas da Revolução com uma festa geral de ira-tendade emocionante...

Foi um "louvar a Deus". A romaria coihou-se de rachos desfraldando ao vento as suas bandeiras de cōres garridas. A esplanada da Serra do Pilar também regorgou; e nos montes que dão acerto e estão ao lado do Quartel de Artilharia 6, sentaram-se centenas de famílias a devorarem as suas merendas e a esvaziarem tódas as suas borrascas. E quem debaixo olhava para cima; via, por vezes, as formas delicadas, genéricas, daquelas raparigas e mulheres que, desculpadas nos transportes da sua alegria, das suas gargalhadas, dos seus dotos picantes, não reparavam que as suas saias se alteavam até fóra da sua demarcação discreta, púdica... Salvo aquelas que usam calças...

Os jornais fizeram grande réclame ao rengido público, publicando mesmo fotografias e os nomes de alguns grupos de rapcionagem. E fazem bem, porque isso representa o avanço da reacção e o argumento maravilhoso para os industriais, os comerciantes, os senhorios e os governos aguarem a gula da sua avarice.

E como as festas se prolongam com a reembante festa da cidade, auxiliada também com o rico dinheirinho da Câmara, isto é, de nós todos — eis porque não sentimos toragem de dedicar uma palavra a assuntos sérios.

Pois se tudo e todos estão em pândega, e a cidade gargalha, guisalha, viola, cavaquinha, guitarra, batuca, cantarola, histrião os esgares sensuais da sua boémia e desvergona indiferença — e que havemos de fazer? Deixar que a insanía continue desgarradora até que se esbarre por uma vez...

Não, esta situação de brôdio não dâ aza a uma crónica séria...

Pórtio, 8/6/25.

C. V. S.

ORIENTE EUROPEU

O ódio surdo aos sóviets

RIGA, 10. — Tendo o governo dos sóviets informado os estados sucessores do antigo império russo de que desejava concluir um acordo pelo qual fôsse prometida a neutralidade no caso dum conflito armado entre a Rússia e qualquer deles, os estados bálticos resolveram não responder.

SOFIA, 10. — O primeiro ministro búlgaro notificou ao conselho dos embaixadores que os 10.000 voluntários que havia chamados à fileira por causa do último movimento comunista, haviam sido licenciados, mas que na previsão dum novo tremendo dos agitadores avisava o conselho de que o não consultaria no caso de ver-se obrigado a chamar de novo ao serviço esses voluntários. —

A reacção búlgara não desarma

SOFIA, 10. — O primeiro ministro búlgaro notificou ao conselho dos embaixadores que os 10.000 voluntários que havia chamados à fileira por causa do último movimento comunista, haviam sido licenciados, mas que na previsão dum novo tremendo dos agitadores avisava o conselho de que o não consultaria no caso de ver-se obrigado a chamar de novo ao serviço esses voluntários. —

AGREMIACOES VARIAS

Grupo dos Vinte. — A exemplo dos de mais anos o "Grupo dos Vinte" fundado pelos distribuidores do Diário do Governo e mais pessoal da Imprensa Nacional de Lisboa, realizou ontem o seu passeio anual com destino ao Pórtio, Braga e Viana do Castelo.

Centro Republicano Augusto José Vieira. — Em segunda convocação reuniu-se, na sede da Associação do Registo Civil, a assembleia geral.

Notas & Comentários

Alegria simulada

O Mundo escolheu para altitude fingir-se muito contente com os resultados do congresso democrático, dando a público a impressão de que ele não foi a última das borrecheiras, mas a primeira das maravilhas. O mesmo jornal simula vangloriarse porque o congresso marcou insossovelmente a sua orientação, que o sr. Mayer Garção, nessa frase sintetiza: para a frenesia. Insossovelmente, o congresso decidiu que tudo ficasse como estava, isto ao sabor da ignorância, da intolerância, da estupidez do sr. Silva.

E lamentável que algumas pessoas inteligentes que apareceram no congresso democrático se deixassem cavalgar pelos quadrupedes que formavam — a maioria. Depravado e também que estesjam afagando os quadrupedes, deitando para os olhos dos leitores uma poesia que já não cega ninguém, dadas as parentórias declaradas que o sr. Domingos dos Santos fez a um jornalista.

Os símbolos

Em Portugal há uma maneira especial e segura de deprimir a inteligência — homenageá-la. Disso, com êxito, se encarregam as instâncias oficiais e a Câmara Municipal de Lisboa cujo espírito festivo a torna sempre a Arcos de Valdevez.

Camões está sendo deprimido anualmente pelo município a ponto de, ao lermos o programa reles das pífias festas que the consagram, supomos ter elas escrito não nas Lisas, mas — o rol da lavadeira que era inédito, segundo o sr. Matos Sequeira, no primeiro quartel do século XVI.

Camões tinha ontem o pedestal da estátua enfeitado a flores trivialis, de tal modo infelizes que parecem ter transformado o seu monumento numa salada de agriões e rabanetes. Para a toante manifestação se mais cívica colocaram um coro noas trazeiras de Camões, a fim de lá instalar um fungão militar para nos recrear com o fado do "Cíume" e o "fox-trot" Barrabás. Janto ao coro uns burros devendo tremorco com umas mulheres recebendo os céduas. Os burros do tremorco serão também numa maneira de homenagem Camões ou uma prova de consideração que lhes foi prestada pelos seus irmãos — alguns dos burros da vereação? Se o não são, pelo menos servem de símbolo a esta homenagem.

Misérias

Procurou-nos um grupo de operários para nos contar uma cena emocionante ocorrida no cemitério da Ajuda. Tinham ido ali acompanhar a última morada um companheiro, quando repararam que um desgracado ia a enterrar na vala comum. Averiguaram de quem se tratava: eram os restos mortais do preso do forte de Monsanto, Luís António, filho de António Luís e de Ana do Carmo. Tomados de piedade pelo abandono do desgracado, colizeram-se e pagaram-lhe uma sepultura respeitosa, que tem o n.º 2.037. O preso ia andrajoso, as botas gastas e amarradas por arames, os bichos a passearem no fato miserável. Por este indício se calcula o é a vida dos presos no forte de Monsanto.

Daquele sobraram 8\$20, que os referidos operários nos entregaram para os presos por questões sociais.

INSTRUÇÃO

Aulas do Sindicato Único Metalúrgico de Lisboa

Continuam funcionando, com regular concorrência, as aulas de Esperanto e Instrução Primária. A inscrição continua aberta todos os dias, das 20 às 24 horas.

A cura das doenças pelas Plantas

5.ª edição — Preço 2500, pelo correio 2500 Pedidos à administração de "A Batalha"

FESTAS DA RAÇA

Interessante festa camoneana da Escola de Luís de Camões

No salão das projeções do liceu Luis de Camões realizou ontem uma interessante festa camoneana a Escola de Luis de Camões instituída pelo sr. Ricardo Costa e que tem como directores além deste senhor os drs. srs. Francisco Pico e Raúl Emílio de Carvalho.

Apesar de amplo o salão que foi gentilmente cedido pelo reitor do Liceu de Camões, encontrava-se literalmente cheio de senhoras, professores da referida escola e dos liceus de Camões e Garrett, de alunos e de pais de estes.

A sala decorada com objectos didáticos ostentava expostos nas paredes, desenhos e aguarelas executados por estudantes durante o ano lectivo.

A festa foi abrillantada pela exímia piadista sr. D. Maria Botelho Sarmento que executou lindos trechos musicais, sendo muito aplaudida.

Presidiu ao começo da festa o dr. sr. Lacerda de Melo, secretariado pelo dr. sr. Raúl de Carvalho e pela sr. D. Maria José Lopes, médica e professora de ginástica do Liceu de Garrett.

Proferiram discursos alusivos ao grande épico Luís de Camões e aos "Os Lusíadas" os srs. Raúl de Carvalho, o professor e vereador da Câmara Municipal de Lisboa Barros Lima, o professor da Faculdade de Letras Joaquim Mário Macedo, o aluno da escola Rubem de Araújo e o padre Avelino de Figueiredo, professor da Escola Luis de Camões e aluno da Faculdade de Letras.

Todos os oradores tiveram palavras bastante elogiosas para o fundador da escola sr. Ricardo Gomes, especialmente o último, que mostrou como em pouco tempo, com muita dedicação e trabalho se conseguiu fazer um estabelecimento de ensino modelar que no último ano alcançara 110 aprovações. Terminou o sr. padre Avelino de Figueiredo por convidar a alumna do 5.º ano, D. Amelia Santos a descer a escadaria com um magnífico retrato do sr. Ricardo Costa, oferida dos seus colegas da direcção.

Foram em seguida recitadas poesias por vários alunos.

Escola n.º 44

Houve sessão solene, recitações e canto pelo orfeão. Prelecionou o professor director da Escola.

O ROMANCE DE AVENTURAS e as alegações de "A Tarde"

A Tarde, que anteontem publicou um fantástico relato policial sobre a obra da "Legião Vermelha", defendia-se ontem mal do artigo por nós publicado sobre o assunto.

Diz ela que nós estamos no nosso papel invadindo-nos contra a divulgação dos poromenores por ela publicados.

Insurgimo-nos, é certo, mas contra o critério estritamente policial de quem elaborou o relato por ela publicado, pois ninguém deve ignorar a forma tendenciosa que a polícia informa os jornais.

Ninguém ignora que é firmando-se no ambiente criado por essas tendenciosas informações, que a polícia vai até à audácia de executar sentenças de morte, como ainda ontem sucedeu, sobre indivíduos cujos crimes foram por ela inventados.

Provará A Tarde essas execuções, feitas sumariamente, num país onde a pena de morte não existe, porque à consciência da colectividade repugna?

Se não aprova essas execuções, favorece-as impensadamente com esses relatos, tão capiosamente confeccionados. Diz esse periódico vespertino:

"Mas, o que o orgão operário cometeiza não desmente é que a declaração da última greve foi arrancada à C. G. T. por um acto violento dos revolucionários sociais estremamente irmanados com os criminosos que o governo deportou."

Diz a Tarde andar mal informada. Quem declarou a greve geral não foi a C. G. T., foi a Câmara Sindicado do Trabalho por expontânea resolução dos seus delegados, sem a menor coação que ninguém a admite nesta casa!

Duma carta enviada pelo comité executivo dos partidários da I. S. V. publicou A Tarde os seguintes trechos:

"Em A Tarde de 9 de corrente, numa passagem do artigo sobre a Legião Vermelha, diz-se que: elementos da mencionada Legião eram 'fortemente subsidiados pelos sindicatos aderentes à Internacionais Vermelha de Moscou.'

"Devemos esclarecer-lhe, sr. director, que em Portugal não há nenhum sindicato orgânico aderente à Internacionais Vermelha, mas simplesmente sindicatos simpatizantes com as doutrinas e táticas preconizadas por essa Internacionais, as quais doutrinas e táticas são, em absoluto, contrárias a todos os actos cognominados de propaganda pelo facto e de terrorismo individual, preconizando, em contrário, a acção das massas."

No ofício também se atribuiu a quem deu a A Tarde as informações que ontém publicámos o propósito de abranger toda a organização operária, tornando-o cumplexo de actos e de táticas que os partidários da I. S. V. sempre têm combatido, como o v. poderá constatar pelos dois artigos de A Internacionais — órgão dos mesmos partidários.

Diz o citado diário logo a seguir:

"De facto, os dois números da Internacionais que acompanham o ofício inserem artigos editoriais em que se condena o terrorismo como processo de luta social.

Pois se quizer incomodar-se um pouco terá A Tarde dificuldade em encontrar em vários números de A Batalha, e noutras, de ambos os partidários, artigos igualmente de combate a esses processos de luta.

E o desassombro com que nesses artigos falamos que nos dão o direito de levantarmos bem alto o nosso protesto contra as atrocidades pela polícia e pelo governo cometidas, e de nos insurgirmos contra as notícias tendenciosas por aquela fornecidas à imprensa.

Diz o citado diário logo a seguir:

"De facto, os dois números da Internacionais que acompanham o ofício inserem artigos editoriais em que se condena o terrorismo como processo de luta social.

COPENHAGUE, 10. — Chegou a este porto uma esquadra inglesa constituída por 6 cruzadores e 8 torpedeiros, que andaram fazendo um cruzeiro no Báltico.

A imprensa interpreta a visita da esquadra britânica no Báltico como uma resposta às manobras navais dos sóviets. —

O Estado alemão constrói seis vasos de guerra

BERLIM, 10. — O Reichstag aprovou a construção de um cruzador e de cinco torpedeiros, e rejeitou a moção socialista que suprimiu os créditos para o ministério da Reichswehr. —

Francisco António Caetano

MINA DE SÃO DOMINGOS, 6. — Recebeu-se aqui a dolorosa notícia de haver falecido hoje, pelas 7 horas, em São Bartolomeu de Vila Giária, o nosso dedicado camarada e bondoso amigo Francisco António Caetano. O fadado trabalho desinteressadamente em prol da organização dos rurais, que perderam nele um grande amigo. Foi um dos fundadores da Associação dos Rurais daquela aldeia e arredores. Aos que se consideravam seus amigos resta honrar a sua memória. —

Francisco António Caetano

EM BEJA

Depois de uma vitória futebolística

Um dos vencedores foi vítima do entusiasmo do seu grupo

Em Beja, no domingo último, realizou-se um desafio de futebol entre vários rapazes daquela cidade. O grupo vencedor, de que fazia parte Joaquim da Perpétua Matos, 22 anos, residente na freguesia de Santa Maria da Feira, para festejar a sua vitória, lançou alguns morteiros, um dos quais não tendo rebentado no espaço, explodiu sobre a cabeça do Joaquim, fazendo-lhe um grande ferimento. Pensado em Beja veio para Lisboa, onde chegou ontem, acompanhado pelo polícia 24, daquela cidade, recolhendo ao hospital de São José, em cujo Banco foi observado pelo cirurgião do serviço dr. Amândio Pinto, recolhendo em seguida este grave à sala de observações.

Está-se fazendo favoritismo certamente à custa do consumidor.

Sociedades de recreio

Grémio Beirão. — Para a festa que se realiza no próximo dia 13, na sede da d. Grémio, promovida pelo "Livre Pensamento", órgão da Associação do Registo Civil, está-se organizando o respectivo programa que consta, na 1.ª parte, da representação da opereta em um acto "Os Fantasmas", original do sr. Raimundo Alves, música do maestro Manuel Figueiredo, e, na 2.ª parte, dum acto de cabaret.

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE JUNHO

Q.	4	11	18	25	HOJE O SOL
S.	5	12	19	26	Aparece às 5,11
S.	6	13	20	27	Desaparece às 20,01
D.	7	14	21	28	FASES DA LUA
S.	8	15	22	29	Q. C. dia 1 às 8,11
T.	9	16	23	30	Q. M. 25 às 3,33
Q.	10	17	24	—	L.N. 28 às 2,28

MARES DE HOJE

Praiamar às 6,09 e às 6,37
Baixamar às 11,39 e às ...

ESPECTÁCULOS

TEATROS

Si Carlos—A's 21—A Magialha.
Sé Luis—A's 21—Chic-Chic. Variedades por Rose Amy e Marcel Valiés.
Frenida—A's 21—O mundo é assim. «Os autores dos meus dias».
Pelícano e Olympia—A's 14,30 e 20,30—(Animatografos).—Kean.
Joaquim de Almeida—A's 21—A Severa.
Teatro Novo—A's 21—Knock on a Vitoria da Medicina.
Maria Vitoria—A's 20,30 e 22,15—«Retaplan». Juvenal—A's 21,30—Irmais e A Glória.
Sé Luis—A's 20,30—Variedades.
Lilí Vicente (à Graça)—A's 20—Animatografos.
Eneida Parque—Todas as noites—Concertos e divertimentos.

CINEMAS

Olympia—Chiado Terrasse—Salão Central—Cinema Condé—Salão Ideal—Salão Lisboa—Sociedade Promotora e Educação Popular—Cine París—Cine Esperança—Chanteler—Tivoli—Torroze.

Pedras para isqueiros

METAL «AUER», as melhores do mundo. Um milheiro, 2500. Por quilos, grandes descontos. Isqueiros AUSTRIA PORTUGAL, tubos largos, boas aliges, fósforos, etc. 2000. Tubos fechados e abertos, tâmpoes, fósforos, molas, rodas ócias e massicas. Pedidos ao único representante em Portugal: E. ESPINOSA, FILHO. Rua Andrade, 46, 2.º—LISBOA.

DR. ARMANDO NARCISO

Médico do Hospital de Santa Maria
CLÍNICA MÉDICA
Consultório:—Travessa Nova de S. Domingos,
9 (à Rua do Amparo)
Residência:—Rua Nogueira e Sousa, 17 (ao Lameiro Cordeiro)

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Auer, assim como rodas ócias e massicas, tubos, molas, chaminés de 2 e 3 peças, tâmpões. Vendem-se no Largo Conde Barão, n.º 5 e quiosques. Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata (E a casa que fornece em melhores condições).

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10% NA
SAPAARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora 5000
Sapatos em verniz 3800
Botas pretas (grande salão) 4850
Botas brancas (salão) 2800
Grande salão de botas pretas 5850
Botas de cér para homem 4650
Não confundir a SOCIAL OPERARIA com outra casa.
Vê bem, pois só lá encontra bom e barato, a Social Operaria é na rua dos Cavaleiros, 18-20, com Filial na mesma rua, n.º 69.

Fazendas para fatos e vestidos

Peçam amostras a Silva & C. COVILHÃ

Ourivesaria e Joalheria

SANTOS CATITA, Lda.
R. da Boavista, 22—R. Eugénio dos Santos, 44

Grande sortido em objetos de ouro e prata para brindes

JOIAS E PEDRAS FINAS

Relógios das melhores marcas de ouro, prata e aço

Compra por alto preço: ouro, prata, moedas e joias

“ASFALTO”

O melhor para evitar a humidade das paredes e muito especial para celeiros.

JOSÉ AUGUSTO ALVES

16, R. VITORINO DAMAZIO, 18

Mylio, (interrompendo Simão e dirigindo-se ao abade)—Ah! sicofante, tu já tomaste as tuas precauções contra a narrativa da aventura nocturna do moinho de Chaillote e doutras provas da tua lubricidade, dom ribaldo!

Alice de Montmorency levanta as mãos e os olhos para o céo, Simão lança um olhar terrível sobre Mylio.

Pele de Ganso, (em voz baixa ao Trovador).—O olhar deste espírito gela-me até à medula dos ossos... Estamos perdidos!

Montfort, (a Mylio com voz irritada).—Cala-te, blasfemador..., alias mando-te arrancar a lingua.

O Abade Reynier, (a Montfort com devoção).—Meu querido irmão, desprezemos estes ultrajes, o infeliz está possesso, aí de mim! não sabe o que faz, o demônio fala pela boca d'ele.

Mylio, (impetuosoamente ao abade). Pois quê! tu não te introduziste uma noite no cerrado do moinho de Chaillote? a tua alcoviteira habitual, que devia entregar-te Florete sua sobrinha, uma criança de quinze anos... ora se não fôsse eu e Pele de Ganso que está presente, éle que o diga, tu...

Pele de Ganso, (a tremer, interrompe Mylio, lançando-se aos pés de Montfort, e exclama, com as mãos postas).—Illustr e caritativo senhor, não me lembro de nada... Estou perturbado, estou fascinado, desembrado... o passado confunde-se no meu cérebro... Tudo quanto me lembra, é que eu era um porco, um animal imundo. Ah! a culpa não é minha; porque é necessário dizê-lo, temível sustentáculo da Egreja, eu nunca recebi na idade em que estou, as aguas do baptismo... Ai de mim! não. Mas ainda ha pouco, ao contemplar a sua augusta face parece-me ver resplandecer em torno da sua sagrada pessoa uma espécie de auréola; um daqueles divinos raios penetrando em mim de repente, fez-me uma sêde insaciável da fonte celeste, e fez-me desejar o baptismo, que me purificará de máculas abomináveis e das impurezas a que estava sujeito... Ah! piedoso senhor! o senhor

LIVRARIA RENASCENÇA

Obra literárias, científicas, profissionais e artísticas de autores portugueses e estrangeiros.

Trabalhos tipográficos, carimbos, livros de escravos, mapas de geografia, mapas de descarga de cotas e de matrículas para Sindicatos, Cooperativas, Comunais, Juventudes, etc.

Grande sortimento em material escolar, artigos de papelaria e escritório, sempre nos preços mais baixos do mercado.

Grande grande obra de Vitor Hugo, «OS MISÉRIOS», ilustrada por assinaturas, tomos e encadernada com capas especiais em 2 grandes volumes a 4000, acrescentando-se de porto e embalagem para a província.

Sempre novos artigos e novidades.

Trabalhos tipográficos, carimbos, livros de escravos, mapas de geografia, mapas de descarga de cotas e de matrículas para Sindicatos, Cooperativas, Comunais, Juventudes, etc.

Grande grande obra de Vitor Hugo, «OS MISÉRIOS», ilustrada por assinaturas, tomos e encadernada com capas especiais em 2 grandes volumes a 4000, acrescentando-se de porto e embalagem para a província.

Sempre novos artigos e novidades.

Trabalhos tipográficos, carimbos, livros de escravos, mapas de geografia, mapas de descarga de cotas e de matrículas para Sindicatos, Cooperativas, Comunais, Juventudes, etc.

Grande grande obra de Vitor Hugo, «OS MISÉRIOS», ilustrada por assinaturas, tomos e encadernada com capas especiais em 2 grandes volumes a 4000, acrescentando-se de porto e embalagem para a província.

Sempre novos artigos e novidades.

Trabalhos tipográficos, carimbos, livros de escravos, mapas de geografia, mapas de descarga de cotas e de matrículas para Sindicatos, Cooperativas, Comunais, Juventudes, etc.

Grande grande obra de Vitor Hugo, «OS MISÉRIOS», ilustrada por assinaturas, tomos e encadernada com capas especiais em 2 grandes volumes a 4000, acrescentando-se de porto e embalagem para a província.

Sempre novos artigos e novidades.

Trabalhos tipográficos, carimbos, livros de escravos, mapas de geografia, mapas de descarga de cotas e de matrículas para Sindicatos, Cooperativas, Comunais, Juventudes, etc.

Grande grande obra de Vitor Hugo, «OS MISÉRIOS», ilustrada por assinaturas, tomos e encadernada com capas especiais em 2 grandes volumes a 4000, acrescentando-se de porto e embalagem para a província.

Sempre novos artigos e novidades.

Trabalhos tipográficos, carimbos, livros de escravos, mapas de geografia, mapas de descarga de cotas e de matrículas para Sindicatos, Cooperativas, Comunais, Juventudes, etc.

Grande grande obra de Vitor Hugo, «OS MISÉRIOS», ilustrada por assinaturas, tomos e encadernada com capas especiais em 2 grandes volumes a 4000, acrescentando-se de porto e embalagem para a província.

Sempre novos artigos e novidades.

Trabalhos tipográficos, carimbos, livros de escravos, mapas de geografia, mapas de descarga de cotas e de matrículas para Sindicatos, Cooperativas, Comunais, Juventudes, etc.

Grande grande obra de Vitor Hugo, «OS MISÉRIOS», ilustrada por assinaturas, tomos e encadernada com capas especiais em 2 grandes volumes a 4000, acrescentando-se de porto e embalagem para a província.

Sempre novos artigos e novidades.

Trabalhos tipográficos, carimbos, livros de escravos, mapas de geografia, mapas de descarga de cotas e de matrículas para Sindicatos, Cooperativas, Comunais, Juventudes, etc.

Grande grande obra de Vitor Hugo, «OS MISÉRIOS», ilustrada por assinaturas, tomos e encadernada com capas especiais em 2 grandes volumes a 4000, acrescentando-se de porto e embalagem para a província.

Sempre novos artigos e novidades.

Trabalhos tipográficos, carimbos, livros de escravos, mapas de geografia, mapas de descarga de cotas e de matrículas para Sindicatos, Cooperativas, Comunais, Juventudes, etc.

Grande grande obra de Vitor Hugo, «OS MISÉRIOS», ilustrada por assinaturas, tomos e encadernada com capas especiais em 2 grandes volumes a 4000, acrescentando-se de porto e embalagem para a província.

Sempre novos artigos e novidades.

Trabalhos tipográficos, carimbos, livros de escravos, mapas de geografia, mapas de descarga de cotas e de matrículas para Sindicatos, Cooperativas, Comunais, Juventudes, etc.

Grande grande obra de Vitor Hugo, «OS MISÉRIOS», ilustrada por assinaturas, tomos e encadernada com capas especiais em 2 grandes volumes a 4000, acrescentando-se de porto e embalagem para a província.

Sempre novos artigos e novidades.

Trabalhos tipográficos, carimbos, livros de escravos, mapas de geografia, mapas de descarga de cotas e de matrículas para Sindicatos, Cooperativas, Comunais, Juventudes, etc.

Grande grande obra de Vitor Hugo, «OS MISÉRIOS», ilustrada por assinaturas, tomos e encadernada com capas especiais em 2 grandes volumes a 4000, acrescentando-se de porto e embalagem para a província.

Sempre novos artigos e novidades.

Trabalhos tipográficos, carimbos, livros de escravos, mapas de geografia, mapas de descarga de cotas e de matrículas para Sindicatos, Cooperativas, Comunais, Juventudes, etc.

Grande grande obra de Vitor Hugo, «OS MISÉRIOS», ilustrada por assinaturas, tomos e encadernada com capas especiais em 2 grandes volumes a 4000, acrescentando-se de porto e embalagem para a província.

Sempre novos artigos e novidades.

Trabalhos tipográficos, carimbos, livros de escravos, mapas de geografia, mapas de descarga de cotas e de matrículas para Sindicatos, Cooperativas, Comunais, Juventudes, etc.

Grande grande obra de Vitor Hugo, «OS MISÉRIOS», ilustrada por assinaturas, tomos e encadernada com capas especiais em 2 grandes volumes a 4000, acrescentando-se de porto e embalagem para a província.

Sempre novos artigos e novidades.

Trabalhos tipográficos, carimbos, livros de escravos, mapas de geografia, mapas de descarga de cotas e de matrículas para Sindicatos, Cooperativas, Comunais, Juventudes, etc.

Grande grande obra de Vitor Hugo, «OS MISÉRIOS», ilustrada por assinaturas, tomos e encadernada com capas especiais em 2 grandes volumes a 4000, acrescentando-se de porto e embalagem para a província.

Sempre novos artigos e novidades.

Trabalhos tipográficos, carimbos, livros de escravos, mapas de geografia, mapas de descarga de cotas e de matrículas para Sindicatos, Cooperativas, Comunais, Juventudes, etc.

Grande grande obra de Vitor Hugo, «OS MISÉRIOS», ilustrada por assinaturas, tomos e encadernada com capas especiais em 2 grandes volumes a 4000, acrescentando-se de porto e embalagem para a província.

Sempre novos artigos e novidades.

Trabalhos tipográficos, carimbos, livros de escravos, mapas de geografia, mapas de descarga de cotas e de matrículas para Sindicatos, Cooperativas, Comunais, Juventudes, etc.

Grande grande obra de Vitor Hugo, «OS MISÉRIOS», ilustrada por assinaturas, tomos e encadernada com capas especiais em 2 grandes volumes a 4000, acrescentando-se de porto e embalagem para a província.

Sempre novos artigos e novidades.

Trabalhos tipográficos, carimbos, livros de escravos, mapas de geografia, mapas de descarga de cotas e de matrículas para Sindicatos, Cooperativas, Comunais, Juventudes, etc.

Grande grande obra de Vitor Hugo, «OS MISÉRIOS», ilustrada por assinaturas, tomos e encadernada com capas especiais em 2 grandes volumes a 4000, acrescentando-se de porto e embalagem para a província.

Sempre novos art

ABATLHA

O II Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores

Conclusão do relato circunstanciado das sessões realizadas em Amsterdão

Não somos sectários. Sabemos que não se pode pôr tudo de acordo numa mesma organização e ainda menos numa associação internacional de diversas organizações centrais. Pelo contrário, somos afiés de opinião que podem ser de grande utilidade diversas opiniões sobre certos assuntos dentro da mesma organização, pois com elas se fomenta a evolução espiritual e se excita a independência do raciocínio. O mesmo fenômeno se nota na A. I. T. Mas a-pesar de certas diferenças entre nós próprios, que em grande parte são devidas às condições da evolução do movimento nos diversos países, há linhas gerais determinadas sobre as que estamos de acordo e que formam entre nós o laço da unidade orgânica. Querer destruir tal unidade em razão de pequenas divergências de importância secundária, não só seria uma loucura, mas também um crime directo contra a causa que defendemos. Mas é igualmente perniciosa o querer forçar, por razões puramente oportunistas, uma unidade orgânica entre diversas tendências que não podem associar-se nem pelos seus princípios nem pelos seus métodos.

Em tais casos, trata-se sempre de uma espécie de opressão espiritual que não beneficiaria nunca um movimento.

Quando Fernando Pelloutier defendeu, em tempos, a unidade sindical dos trabalhadores perante os partidos políticos, defendia um pensamento fecundo e grande, do qual apenas pode surgir o sindicalismo revolucionário. Mas quando os nossos camaradas de França fizeram um dogma de aquele pensamento e ainda creem que se pode obter uma unidade entre elementos, que de nenhum modo se podem unificar, convertem-se em vittimas de uma tradição que não fomentará o sindicalismo revolucionário, mas que o destruirá inevitavelmente.

Honra os nossos camaradas a sua boa vontade, mas a experiência indica-nos que os seus ensaios em prol de uma unidade, que na realidade não é tal e só paraíso pelo desmembramento interno a força combativa de todo o movimento, debilitaram o sindicalismo revolucionário no seu país. Uma atitude clara e decidida não só teria podido 'criar' a A. I. T., uma base em França e associar os camaradas com os sindicatos revolucionários de todos os países, mas também teria podido pôr um obstáculo ou debilitar o triunfo da Internacional Comunista sóbre a C. G. T. U.

Se se toman em consideração essas coisas, é claro que a A. I. T. deve conservar, sob todas as circunstâncias, a sua independência perante todas as outras tendências do movimento operário, se não quizer abandonar a sua finalidade e a grande herança da luta anti-autoritária da primeira Internacional, cujo nome usa. Certamente ha para nós momentos em que uma marcha comum com outras tendências é necessária e pode estar acondicionada para a situação, mas até que esses momentos cheguem é de toda a necessidade a independência orgânica da A. I. T.

Segundo a minha opinião, uma estreita e salutar cooperação com outros grupos ideológicos anti-autoritários, na parte em que reconhecem a necessidade da organização sindical e ajudam a fomentar a finalidade da A. I. T., não só é possível, mas também é altamente para desejar. Seria estúpido querer colocar essas agrupações ao mesmo nível dos partidos políticos. Em Espanha, por exemplo, vemos que desde o tempo da primeira Internacional, houve uma cooperação harmónica entre os camaradas anarquistas e o movimento sindical, a qual foi benéfica para o movimento em geral e seria muito lamentável que essa situação se perturbasse. O anarquismo inspirou em Espanha os sindicatos e deu-lhes objectivo e direção e por outro lado o movimento sindical preservou os anarquistas da perca de contacto com o movimento operário e suas lutas cotidianas. O mesmo sucedeu em outros países, especialmente na América do Sul. A mesma medida poderíamos aplicar às organizações anti-militaristas e aos grupos de cultura que se aproximam das nossas ideias. Naturalmente em tais circunstâncias devem ser tidas em conta as condições dos diversos países e ser examinadas pelos próprios camaradas.

Mas, também, há casos em que não se trata unicamente da cooperação com tendências espiritualmente afins, mas em que a tal cooperação é acondicionada com outras tendências do movimento operário, ainda quando as suas aspirações se opõem às nossas. Tais casos são determinados pelos acontecimentos repentina de natureza social e política de um modo espontâneo. Recorde-me por exemplo do 'putcho' de Kapp na Alemanha. Estava claro que nesse ensaio de restabelecimento da monarquia e do velho regime deviam entrar em ação todas as tendências do movimento operário alemão. Querer permanecer neutral num caso como esse, não só seria deixar água no moinho da reacção, mas também um suicídio directo do proprio movimento.

Mas sejam quais forem as medidas e as alianças a que nos levem as circunstâncias, não devemos nunca perder de vista a independência das nossas organizações nacionais e em particular da A. I. T., se quisermos facilitar a vitória ao nosso movimento e ao socialismo libertário.

Só nesse sentido poderá florescer e prosperar a A. I. T. e cumprir a grande missão que se impõe.

Inicia-se a seguir uma discussão sobre a resolução apresentada por Rocker. Enquanto todos os oradores se declaravam de acordo com a conferência de Rocker, alguns manifestaram a opinião de fazer algumas aditamentos e modificações à resolução.

Rousseau, de Holanda, opina que não se devia unir-se a os partidos e outras não. «Enão deveríamos fazer concessões e isso nunca é bom».

O orador deseja que na resolução se declare abertamente contra as outras tendências e que se façam sobressair os nossos principios.

Rocker faz uso da palavra para advertir que há situações em que o proletariado procede colectivamente contra a reacção.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

O Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.

Na Morgue

Na Morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora, o qual tentou suicidarse no Rossio.